

FILOSOFANDO SOBRE O FUTURO DA ARQUITETURA

Luiz Eduardo Índio da Costa¹

O que me estimulou a escrever este artigo foi a proposta da Ao Largo de envolver arquitetura com outros ramos do conhecimento, como filosofia, educação, música, entre outros. Na verdade, sempre me incomodou esta compartimentação do conhecimento chamada “especialidade”.

Qualquer especialidade é uma espécie de miopia intelectual.

Como fazer arquitetura de qualidade se você vê e interpreta o mundo através de um único ponto de vista, sem a riqueza da pluralidade? Não consigo dissociar qualquer profissão dos demais conhecimentos que a contextualizam.

Como olhar para um objeto arquitetônico e não ouvir a música que dele emana, com ritmo e harmonia? Quem não ouve uma música quando vê alguns trabalhos do Oscar Niemeyer, como o Itamaraty, o Palácio da Alvorada e diversos outros?

Schopenhauer já definiu arquitetura como “música congelada”. Na minha opinião, aliás, uma das mais lindas definições de arquitetura. Já Goethe substituí a congelada por “petrificada”. Ambos associavam a música à arquitetura.

Quantas vezes um filme, um livro, uma peça de teatro, não nos influenciaram na concepção de um projeto?

A necessidade de especialização é óbvia na sociedade moderna, mas ela pressupõe noções básicas e complementares de outras múltiplas áreas do conhecimento humano e da vida cotidiana.

¹ Arquiteto, fundador do escritório INDIO DA COSTA A.U.D.T. com diversos prêmios nacionais e internacionais, com ênfase para o **Prêmio Sergio Bernardes** (Asbea RJ), pelo **prêmio Roberto Claudio dos Santos Afflalo** (Asbea Nacional), e **Comenda Oscar Niemeyer** outorgada pelo Conselho Superior do IAB no XVIII Congresso Brasileiro de Arquitetos, “**por sua exemplar contribuição para a produção da melhor arquitetura no Brasil**”.

Estamos vivendo numa época sem precedentes, onde a tecnologia e a acelerada evolução do saber nos fazem eternos estudantes em constante transformação e crescimento.

Historicamente, a evolução das sociedades se fazia lentamente, propiciando uma estabilidade em que havia um tempo definido para a formação (definitiva?) e o resto da vida para a prática profissional. Isto acabou, e hoje eu diria que a educação formal se perdeu em meio à constante evolução, e que o mais importante na formação da nova geração é desenvolver no estudante a sua constante capacidade de se reinventar indefinidamente. O profissional nunca estará completo e isto torna a vida mais interessante e estimulante.

Não há mais verdade absoluta que não seja capaz de ser revista a qualquer momento.

A beleza da arquitetura hoje está mais na capacidade de agrupar formas e distribuir energias espaciais de modo estimulante e inovador do que transmitir harmonia e propiciar solidez. Nada mais é definitivo e a arquitetura tem que se adaptar a esta nova e surpreendente realidade.

Entendo ser difícil (quase impossível – se é que esta palavra ainda existe) fazer uma arquitetura dinâmica em constante transformação, mas isto se faz imperioso a curto e médio prazos, em atendimento à vida de hoje, em constante transformação.

Talvez uma bio-arquitetura, com materiais que se transformem no decorrer do tempo, quem sabe?

A minha produção arquitetônica, moldada por um passado quase estático e com conceitos claramente definidos, além de limitada por métodos construtivos ainda bastante primitivos, teve que se enquadrar nestes limites, sob pena de se tornar utópica e inviável. Entretanto, nunca deixei de perseguir esta utopia, e consegui, de forma ainda tímida, inserir uma certa flexibilidade e um certo dinamismo nas formas e mesmo na função.

No centro de Atividades SESC Madureira, concurso arquitetônico no qual me sagrei vencedor, na década de 70, já consegui inserir uma ponte rolante que se desloca horizontalmente, num espaço de uso múltiplo.



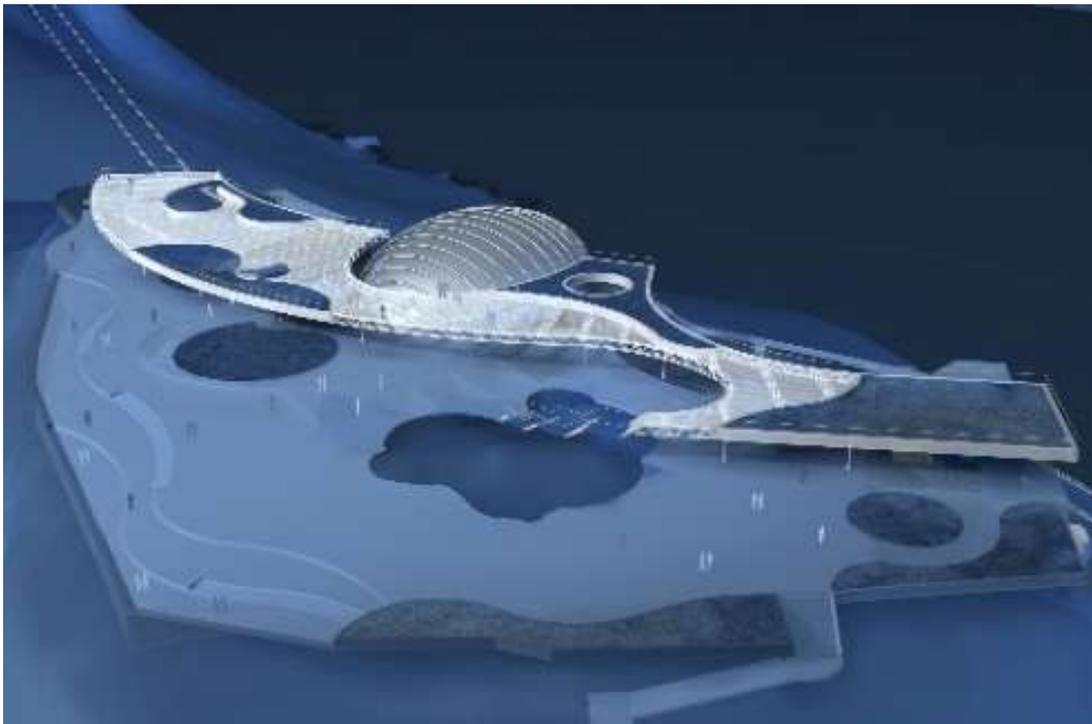
Espaço multiuso com Ponte Rolante



Sesc Madureira

No projeto de uma casa de fim de semana, infelizmente não executado, propus um objeto arquitetônico que se abria para o uso e se fechava para se proteger, quando a casa não era usada. Funcionava como uma caixa, cujas paredes laterais abriam e fechavam por meio de contrapesos.

Para o Morro da Urca, projetei um teatro ovalado, que se abria ficando a céu aberto e se fechava quando o seu uso assim se justificasse, por conta de mau tempo, shows barulhentos, etc.

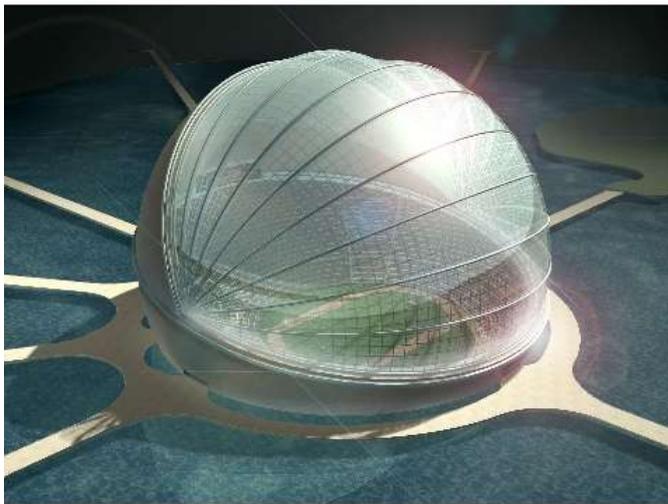


Morro da Urca

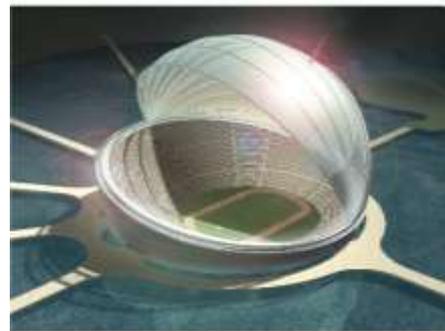
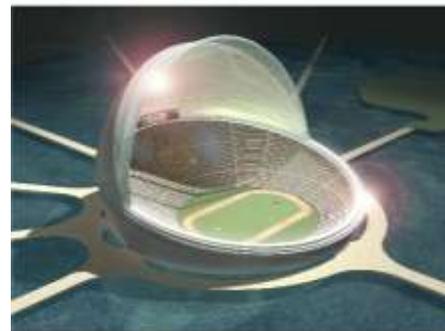


Teatro com cobertura móvel

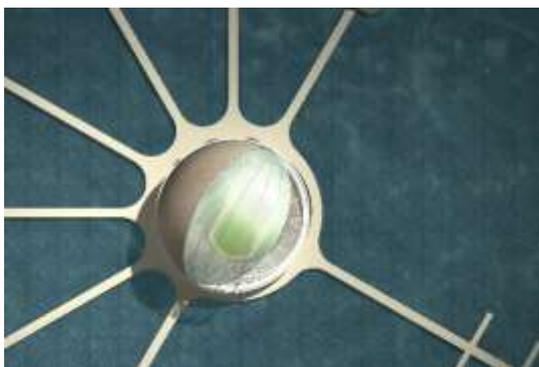
Quando o Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, especificamente no Rio de Janeiro, muito se discutiu a respeito da precariedade do Maracanã na época e a obsolescência de sua tecnologia. Nesse cenário, propus a construção de um estádio “flutuante”, na região da Baía de Guanabara, junto a ilha do Fundão. O estádio possuiria uma cobertura retrátil e giratória que se movimentaria de acordo com a orientação solar.



Estádio “flutuante” com cobertura retrátil



Cobertura rotacionada conforme orientação solar

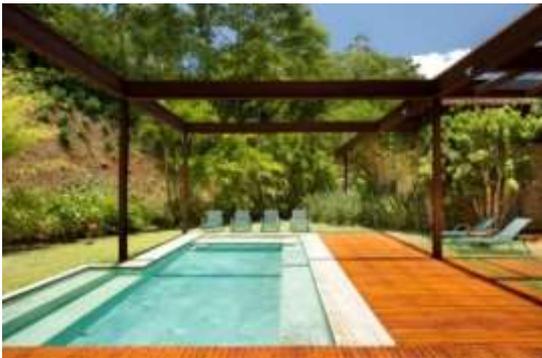


Vista superior do Estádio “flutuante”



Localização do Estádio “flutuante”

Numa outra mostra arquitetônica, concebi e executei um pavilhão sem portas, onde as paredes deslizavam, fechando os ambientes bem como o teto, permitindo que os espaços cobertos ficassem a céu aberto. No interior, igualmente a TV deslizava da sala para o quarto, a cama subia e descia, a bancada da cozinha se transformava numa mesa de jantar e daí por diante. Este pavilhão, depois desmontado, foi remontado numa casa de fim de semana, na Serra.



Casa de fim de semana com cobertura deslizante



Mostra arquitetônica

Num outro pavilhão de exposições concebido para ser construído em Abu Dhabi, a cobertura de tecido plástico inflava e encolhia em movimentos de ritmo estabelecido, através da inserção de ar, dando a sensação de um organismo vivo, respirando.

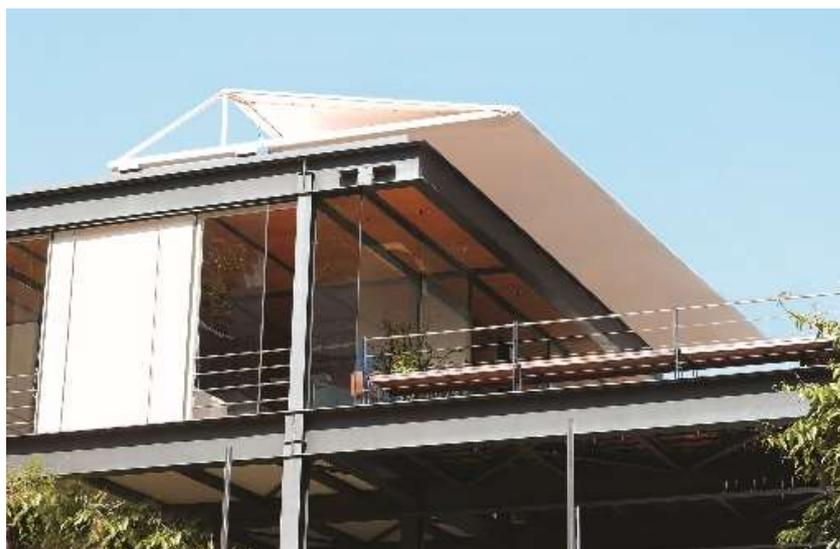


Pavilhão com cobertura encolhida



Pavilhão com cobertura inflada

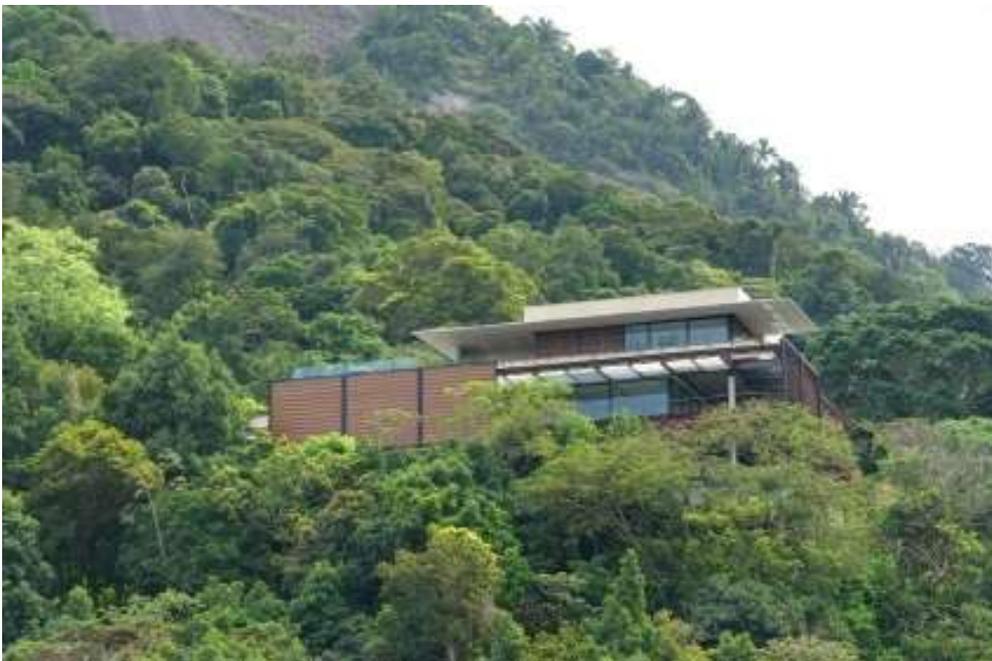
Pergolados que deslizam, coberturas que se abrem e espaços que se transformam são uma tentativa constante dos meus projetos.



Varanda com cobertura deslizante



Uma residência que projetei no meio de uma floresta tropical, na Mata Atlântica, painéis em forma de grandes venezianas se deslocam horizontalmente, protegendo a varanda do sol e da chuva.



Residência com venezianas móveis



Varanda com venezianas móveis e brises



Hoje, a nível internacional, vemos uma tendência clara em dar maior dinamismo às formas arquitetônicas, com edifícios que se movem, casas que flutuam e prédios inteiros que se abrem, como The Shed, em Nova York, do escritório Diller Scofidio + Reufro, do qual somos parceiros hoje no desenvolvimento do MIS (Museu da Imagem e do Som), em construção na Av. Atlântica, Rio de Janeiro.



The Shed

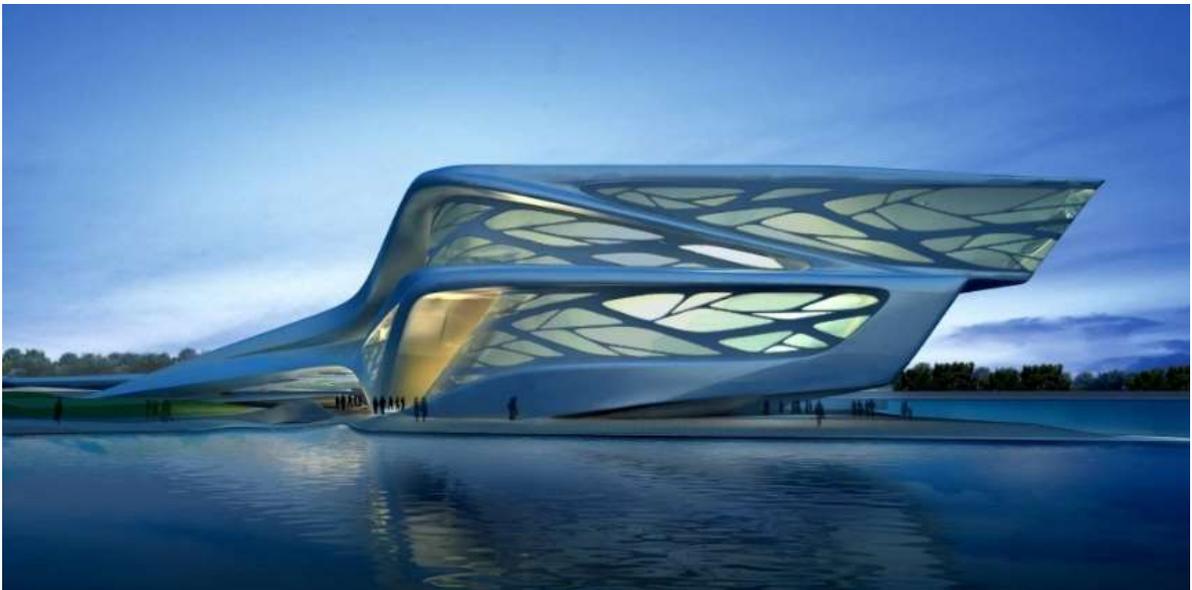


Museu da Imagem e do Som



Museu da Imagem e do Som

O trabalho da Zaha Hadid, por exemplo, embora não se movimente do ponto de vista físico, transmite uma clara sensação de movimento. Pena que seja apenas uma sensação e não uma realidade.



Abu Dhabi Performing Arts Centre (Zaha Hadid)

Alguns dos meus projetos onde o movimento físico não se fazia viável, também usei o recurso das formas que parecem dançar, como no Centro Cultural Caborê, em Paraty, ora em construção.



Vista aérea do Centro Cultural Caborê



Circulação sob cobertura ondulada



Praça sob cobertura ondulada

De certa forma, se a vida se define pela capacidade única de se replicar, o movimento também a caracteriza, e é este movimento aliado à sua capacidade de adaptação que a arquitetura precisa explorar mais. Se as imagens podem ser holograficamente apresentadas em diversos locais remotos, ao mesmo tempo, será que algum dia a arquitetura conseguirá algo semelhante?

Não há porque estabelecer limites para sonhar.

A diferença do passado é que hoje esses sonhos têm mais chances de se realizarem, a curto, médio ou mesmo longo prazo. A preocupação com ecologia e sustentabilidade é certamente um compromisso com a boa arquitetura. Evoluir, com ética, é talvez o nosso maior desafio.

Acredito num novo mundo mais cooperativo e menos competitivo, como um caminho a ser seguido, em benefício do bem comum.

A arquitetura, apoiada pela tecnologia em evolução acelerada, nunca ofereceu um grau de conforto tão grande aos seus usuários.

Nada é perfeito e as grandes cidades, apesar do conforto que oferecem, apresentam patologias, cuja cura é um grande desafio para todos nós, especialmente para arquitetos e urbanistas.

Basicamente, estas patologias são consequência de um vertiginoso êxodo do campo para as cidades. Entretanto, com a informação e a cultura cada vez mais disponíveis no campo, pode ser que a necessidade dos homens de se agruparem – seres gregários, que somos – seja compensada pela comunicação global “on-line”, e haja um retorno ao campo, onde a vida é mais simples, mais fácil e mais barata, com melhor qualidade, sem perda de informação e comunicação. Esta tendência já se faz notar em alguns lugares, e isto facilitará e melhorará a vida nas cidades tão densamente povoadas.

Sugiro o estímulo de retorno ao campo e a formação de cidades de pequeno porte, onde a tecnologia pode chegar com a mesma qualidade das cidades grandes através da grande rede mundial de informação que cresce vertiginosamente. Afinal, o que a cidade oferecia de estímulo ao seu crescimento, que não fosse comunicação, informação, convívio, entretenimento, educação e cultura de maior qualidade? Isto tudo pode ser disponível no campo e nas pequenas cidades onde a qualidade de vida é certamente muito melhor.

No mundo inteiro, nota-se hoje uma tendência da nova geração à simplificação, à redução do consumo e do desperdício, que vem confirmar esta tendência de uma vida mais simples e saudável, reforçando a procura das cidades menores e do campo. Os adeptos deste novo modo de vida que prioriza o usufruto à propriedade são hoje conhecidos como os “decroissants”. O meu escritório, que trabalha para o mundo, poderia estar situado em qualquer lugar onde houvesse internet de qualidade.

A mudança de hábitos e a conseqüente transformação de atitudes não caminham no mesmo ritmo das mudanças, mas isto é uma questão de tempo. Os nossos políticos dirigentes podem e devem assumir políticas públicas que estimulem a reversão desta tendência de crescimento das cidades, tão disseminada e cantada em prosa e verso como uma possível melhoria da vida dos cidadãos.

Certamente haverá argumentos contrários, dizendo que a oferta de trabalho e emprego é maior nas grandes cidades e isto é verdade, esquecendo que a concorrência cresce junto com esta oportunidade. O próprio conceito de emprego, que visa estabilidade, está sendo desconstruído e substituído pela prestação de serviços. Mesmo nas classes mais desfavorecidas, como os empregados domésticos, a tendência clara é a substituição da pseudo estabilidade pela liberdade dos serviços prestados na condição de diaristas – liberdade esta tanto para o empregador quanto para o empregado.

Apesar do urbanismo e do exercício da arquitetura terem um viés político, como todas as atividades humanas, não os vejo como instrumentos capazes de resolver o maior problema social da grande maioria dos países, que é a crescente distância sócio econômica entre diversas classes sociais. Contribuir para amenizá-los, com certeza, sim. Resolvê-los me parece quase impossível, a não ser que os arquitetos saiam do conforto dos seus “casulos”, arregacem as mangas e se envolvam em política de forma mais efetiva, onde possam propor políticas públicas mais eficazes.

Mesmo assim, a nossa contribuição, no sentido de acabar com as desigualdades sociais – preocupação mundial – será sempre parcial, pois o problema não se reduz à arquitetura e ao urbanismo, mas envolve muitas outras áreas das atividades humanas. Às vezes me pergunto qual é a grande diferença entre engenharia e arquitetura, cujo objeto final é o mesmo, e concluo que a arquitetura de qualidade agrega emoção à engenharia. Um projeto pode ser brilhantemente resolvido com os instrumentos da engenharia, mas se ele não emocionar, não é um trabalho de arquitetura. Uma diferença sutil, já que emoção é altamente subjetiva e muitas vezes, individual.

Em diversos momentos, me deparei com este dilema quando julgando projetos em concursos. Alguns trabalhos apresentados pelos concorrentes eram absolutamente corretos, o que é uma obrigação primária de qualquer projeto, mas não emocionavam. Outros, não tão corretos, em contraponto, conseguiam emocionar. Decisão difícil, embora para mim, claramente, na maior parte das decisões as emoções predominem sobre a razão – tanto para o bem, quanto para o mal.

Estamos agora trabalhando em Smart Cities, onde a tecnologia, na maioria das vezes incorporada ao mobiliário urbano, propicia mais segurança ao cidadão e enormes facilidades no dia a dia das pessoas. O futuro é sempre difícil de prever, principalmente quando o passado não serve mais de modelo e as transformações tecnológicas e sociais andam em ritmo acelerado. Entretanto, vejo um futuro promissor para arquitetura e urbanismo, uma vez que os limites entre o sonho e a realidade tem desaparecido com o tempo. Confiante na tendência de melhoria da qualidade de vida do ser humano em geral, apesar de altos e baixos momentâneos, sou otimista. Antevejo um mundo mais feliz e consciente de que a nossa felicidade individual só acontece com o bem-estar de todos.

O egocentrismo se alimenta do altruísmo e precisa dele para sobreviver.